

**ESCRITA SOBRE AS PRÁTICAS DE ENSINO E APROPRIAÇÕES DAS TEORIAS  
LINGUÍSTICAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO**

***WRITING ABOUT THE PRACTICES OF EDUCATION AND APPROPRIATIONS  
OF THE LINGUISTIC THEORIES: AN ANALYSIS DISCURSIVA OF THE  
REPORTS OF INTERNSHIP SUPERVISED***

Agda Negrão Moreira<sup>1</sup>

Marinalva Vieira Barbosa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo desenvolver uma reflexão sobre as dificuldades que o aluno de Letras apresenta para mobilizar os conhecimentos linguísticos adquiridos ao longo do curso e transformá-los em embasamento para analisar e construir compreensões sobre as práticas desenvolvidas na disciplina Estágio Supervisionado. Para a efetivação da análise, foram selecionados 20 relatórios para a composição do corpus, produzidos por alunos do Curso de Letras da UFTM no ano de 2015, nas disciplinas Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I e II. Dentre essas 20 produções, foram analisados fragmentos de 14 relatórios, que, por sua forma de construção, são representativos dos modos como os estagiários organizam a escrita do gênero relatório e se apropriam das teorias linguísticas para produzir reflexões sobre o ensino/aprendizagem na escola. Como aporte teórico, foram utilizadas as teorias desenvolvidas por Barzotto (2007); Geraldi (2003); Bianchi (2002) e Vásquez (1977). Os resultados da pesquisa mostraram que os professores em formação tendem a relacionar a teoria em suas produções acadêmicas de modo bastante superficial, ou seja, a apropriação visa manter a formalidade que o gênero relatório de estágio supervisionado demanda e não como embasamento de suas reflexões.

**Palavras-chave:** estágio supervisionado; formação docente; teoria; prática.

**Abstract:** This article has like aim develop a reflection on the difficulties that the student of Letters presents for mobilizar the linguistic knowledges purchased to the long of the course and transform them in embasamento to analyse and build understandings on the practices developed in the discipline Estágio Supervised. For the efectivación of the analysis, were selected 20 reports for the composition of the corpus, produced by students of the Course of Letters of the UFTM the year of 2015, in the disciplines Internship Supervised in Portuguese Tongue I and II. From among these 20 productions, were analysed fragments of 14 reports, that, by his form of

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

<sup>2</sup> Pesquisadora doutora e docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

construction, are representative of the ways like the estagiários organise the writing of the gender inform and apropiation of the linguistic theories to produce reflections on the education learning in the school. Like theoretical contribution, were used the theories developed by Barzotto (2007); Geraldi (2003); Bianchi (2002) and Vásquez (1977). The results of the investigation showed that the professors in training tend to relate the theory in his academic productions of way quite superficial, or was, the appropriation visa keep the formality that the gender inform of estágio supervised demand and no like embasamento of his reflections.

**Keywords:** internship supervise; educational training; theory; practice.

## 1. Introdução

A dificuldade que o aluno de cursos de licenciaturas em Letras apresenta para mobilizar os conhecimentos adquiridos durante a leitura de textos teóricos e transformá-los em base para suas reflexões sobre as práticas relacionadas ao ensino e aprendizagem tem sido um problema presente no decorrer da formação inicial e que ganha evidência quando esse licenciando assume a posição professor. É muito comum os professores em início de carreira afirmarem que a teoria não tem relação com a prática ou que a teoria na prática é outra.

O estágio supervisionado é um momento em que, no decorrer da formação inicial, o futuro professor deve aprender a mobilizar as teorias para construir reflexões e compreensões sobre o ensino da língua portuguesa. Ou seja, o estágio configura-se como uma ponte entre teoria e prática. Na prática efetiva de sala de aula, o estagiário tem a possibilidade de entender os conceitos que lhe foram ensinados ao longo do curso e aplicá-los nas atividades práticas que desenvolve.

O estágio supervisionado pode ser compreendido, portanto, como um encontro que deve valorizar a parte da licenciatura realizada na universidade e possibilitar que o futuro profissional vivencie uma experiência preparadora e coincidente com a realidade que será vivida após a formação inicial. Dito de outro modo, o estágio é o campo prático que, para ser efetivamente formativo, precisa integrar o percurso teórico formativo de modo a ampliar os saberes sobre as práticas docentes. É, portanto, formador e difusor de conhecimentos teórico-práticos.

Entretanto, ao afirmar a dissociação entre a teoria e prática no momento em que inicia a docência, o professor aponta para existência de uma dissociação que pode ter raízes que começaram a crescer já no momento da formação inicial. Nesse sentido, a hipótese que norteou esta pesquisa foi de que vigora nas produções dos relatórios de estágio supervisionado em Letras uma escrita colada aos textos teóricos ou ocorre uma não mobilização dessas teorias para desenvolvimento das análises e das situações de ensino e aprendizagem que o estagiário vivencia na escola básica.

Ao mesmo tempo, a maneira como a escrita tem sido produzida na universidade, a relação frouxa que alunos de diferentes áreas do conhecimento estabelecem com a linguagem, a relação parafrástica com a palavra alheia e a dificuldade para construir argumentos ainda tem sido pouco discutida como um conjunto de indícios que aponta para um modo de o sujeito contemporâneo se inserir nos universos de linguagens. E, principalmente, tem sido pouco estudado se essa escrita, sendo o produto final de processos formativos, chega a configurar-se em um dizer que tenha pertinência a outro que não aquele que vivenciou a própria experiência de produzi-la.

Essa não mobilização se constitui um problema porque o pressuposto assumido neste artigo é o de que o professor formado por uma universidade qualifica-se para participar dos processos produtivos da área profissional em que se formou, incluindo-se a produção de propostas de ensino e a pesquisa sobre os processos de ensino e aprendizagem. Portanto, sua formação deve ser suficiente para que seu trabalho docente ganhe uma relação produtiva com a teoria. Estabelecer relação entre a teoria e a prática é uma forma de o professor não depender exclusivamente dos produtos didáticos e de pesquisas realizadas em instâncias das quais não participa diretamente (como governos, mercado editorial e mesmo alguns setores da universidade).

Por essa perspectiva, a escrita do relatório de estágio é um momento fundamental para a construção dessa relação entre teoria e prática. Estar diante da necessidade de escrever implica estar diante de medos e incertezas inerentes à escrita de um texto. Em função disso, atualiza-se para o sujeito o traçado da entrada na linguagem feito por qualquer falante. A depender do encaminhamento

dado aos medos, ao refazer esse traçado, alguns passam a procurar um modelo que acomode o texto e as posições nele constituídas para se livrar do embate com os próprios temores.

Para que se efetive como esse momento de constituição de conhecimento sobre a prática, sobre o papel da teoria na prática, é necessário que o estagiário tome a teoria como um aporte fundamental para a prática e, principalmente, se aproprie da teoria vista em sala de aula para organizar o seu agir no campo prático. O aprendizado se dá pela compreensão da teoria e seu papel na constituição de compreensões sobre a prática. A escrita do relatório, nesse sentido, é o momento de expor a esse conhecimento e, principalmente, de articular esses conhecimentos de forma a produzir outros novos conhecimentos sobre a prática de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

Diante disso, a pergunta central que conduziu a elaboração deste artigo foi se a escrita produzida no e por meio dos relatórios de estágio supervisionado em Letras se configura como um recurso constitutivo de conhecimento e, conseqüentemente, do sujeito que a produz? A escrita do relatório de estágio é um instrumento privilegiado para se partir do dado concreto e chegar a uma reflexão de cunho teórico sobre a escrita como produção de conhecimentos na universidade, a partir de uma concepção não dicotômica da relação entre teoria e prática.

## **2. Diálogos e ancoragens teóricas**

Uma vez que o Estágio Supervisionado, como recurso de formação do profissional em Letras, tem sido problematizado no campo da educação e dos estudos da linguagem, prevalecem muitas discussões sobre os alcances e resultados desse tempo e espaço de formação. Porém, tem sido pouco problematizada a escrita dos relatórios e a apropriação das teorias nesse processo como um ponto fundamental da formação. Assim, para melhor desenvolvimento deste artigo e alcance dos objetivos propostos, têm-se como base as teorias desenvolvidas por Barzotto (2007); Brait (2000); Geraldi (2003); Bianchi (2002) e Vásquez (1977).

De acordo com Geraldi (2003), a questão da linguagem é fundamental no desenvolvimento de todo e qualquer homem; ela é o elemento constitutivo e organizador do processo de apreensão de conceitos que permitem aos sujeitos compreenderem o mundo e nele agir. Assim, para o autor, a prática de produção textual tornou-se algo indispensável para o ensino e aprendizagem da língua, uma vez que é no texto que a língua “se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de forma, quer enquanto discurso” (GERALDI, 1993, p. 135). A partir dessa concepção, observa-se que a escrita dos relatórios configura-se como processo de constituição do futuro professor como sujeito de conhecimento.

Diante dessa concepção, tornam-se necessárias reflexões sobre a elaboração da escrita durante o processo de formação estagiário em Letras, pois a escrita não deve se efetivar como mera relação parafrástica com vistas a cumprir a organização do gênero relatório. Embora a paráfrase seja um recurso utilizado para a escrita do texto, isso não pode justificar uma acomodação como o de sempre retomar a escrita do outro como forma de produção de conhecimento. O estagiário precisa apropriar-se do conhecimento teórico e fazer emergir sua criticidade, assim como confirmar ou descartar um ponto de vista e mobilizar o embasamento teórico suficiente em suas práticas.

Bianchi (2002) afirma que estagiar é tarefa do aluno do curso de licenciatura e é preciso que ele demonstre sua capacidade de reflexão e produção de conhecimento sobre os objetos e problemas relacionados ao ensino da disciplina para qual está se formando; é também necessário que exerça funções condizentes com o seu conhecimento teórico-prático e tenha consciência do papel profissional que desenvolverá ao assumir a posição de educador. Para o autor, no estágio, a observação prática dos espaços de atuação profissional sem articulação com a teoria não é suficiente para se construir um saber sobre a realidade escolar que a cada dia se mostra mais caótica. A partir disso, buscamos analisar se o aluno de Letras, ao cursar o Estágio Supervisionado, também mobiliza as teorias para explicar os problemas de aprendizagem; ou seja, se mobiliza a teoria na prática, sabendo atuar em salas com contextos diferentes, de modo a não ficar reféns dos materiais didáticos, por exemplo.

Barzotto (2007) parte do pressuposto que estudantes do Curso de Letras apenas seguem o legado deixado por teóricos e não conseguem escrever partindo da teoria como base. Ou seja, somente reproduzem o que leem e utilizam as teorias em contextos diferentes, além de possuírem dificuldades de escrita. A partir dessa discussão proposta pelo autor, analisa-se como essa dificuldade se materializa nos relatórios e as dificuldades de escrita. Fazer essa análise é importante porque diferentes pesquisadores destacam ser preocupante o alto índice de estudantes que chegam aos cursos universitários com dificuldades de escrita, em relação à norma culta, as variantes, ao conhecimento da língua. No caso do profissional da área de Letras, esse problema ganha maior relevância porque é o professor de língua portuguesa que ensinará a escrita na educação básica.

Segundo Brait (2000, p. 53), [...] “o profissional de Letras terá que conhecer muito bem a língua, as suas variantes, a sua norma culta. Terá ainda de estar atento às teorias da linguagem em geral para ser capaz de enfrentar textos e fazer deles seu instrumento de ver e mostrar o mundo”. Ou seja, saber escrever mobilizando as teorias de base dessa área é fundamental para que o professor de língua portuguesa, no momento de exercício da docência, tenha condições de compreender e construir estratégias visando à aprendizagem da escrita na escola.

Para Vásquez (1977), mesmo que a teoria seja vista de forma autônoma em relação à prática, a prática não existe sem orientação teórica, ou seja, ambas caminham juntas. Entre essas orientações o autor destaca o conhecimento da realidade que deverá ser transformada; da técnica que deverá ser utilizada na transformação e da prática acumulada que deverá avançar em relação a determinado nível teórico. Para esse autor,

A dependência da teoria em relação à prática, e a existência desta como últimos fundamentos e finalidades da teoria, evidenciam que a prática - concebida como uma práxis humana total - tem primazia sobre a teoria; mas esse seu primado, longe de implicar uma contraposição absoluta à teoria, pressupõe uma íntima vinculação com ela (VÁSQUEZ, 1977, p. 234).

Nota-se que não basta uma boa teoria para que a prática se realize com êxito, mas tão pouco se entende que a prática se basta por si mesma. Em síntese, as teorias usadas para a análise dos dados contribuirão para o alcance dos objetivos

propostos, uma vez que, em relação ao uso da linguagem, temos as assertivas de Geraldi e Brait, que mostram a importância da linguagem para a construção do sujeito. Bianchi, que discute o papel do estagiário, oferece o suporte para as análises sobre o modo como o aluno coloca em prática as teorias linguísticas, a aplicabilidade da teoria na prática. Por fim, Vásquez contribui para a análise da relação entre teoria e prática nos relatórios. Sendo assim, o estágio possibilita ao futuro professor realizar intervenções a partir da observação sistemática da sala de aula, além de possibilitar que invista na possibilidade de atuação docente reforçada por critérios teóricos.

### **3. Procedimento metodológico**

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, uma vez que, com base em Esteban (2010), pesquisa qualitativa é um conjunto sistemático de atividades interpretativas que tem como principal foco a construção e compreensão de fenômenos educativos e sociais. Assim, é característica fundamental, na construção das análises e reflexões teóricas, que se leve em consideração o contexto de produção da pesquisa. Ou seja, isso significa que será dada "[...] especial atenção à forma de maneira conjunta no processo de desenvolvimento do conhecimento (interpretação), na linguagem e na narrativa (formas de apresentação) e impregnam a produção dos textos (autoridade, legitimidade)" (ESTEBAN, 2010, p.130).

De acordo com essa concepção de qualitativo, esta pesquisa terá objetivos descritivos e interpretativos, uma vez que, conforme os objetivos propostos, trata-se de descrever as práticas de escrita que sujeitos em formação acadêmica desenvolvem na produção dos relatórios de estágio, discutir os resultados dessas atividades de linguagem e avaliar as práticas (materializadas nas formas de produção escrita) observadas.

Para tanto, inicialmente foram selecionados 20 relatórios de estágios supervisionados, produzidos por alunos do Curso de Letras da UFTM no ano de 2015, nas disciplinas Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I e II. Dentre essas 20 produções, foram selecionadas 14 produções que, por sua forma de construção, são representativas dos modos como os alunos, de modo geral,

organizam a escrita do gênero relatório. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, não será o dado repetido que terá relevância, mas o dado que, na relação com outros, embora aparentemente isolado, permita a construção de uma compreensão acerca de como o aluno se vê e mobiliza os recursos linguísticos e discursivos na produção da escrita.

Os textos que compõem o corpus são identificados pela letra R de “relatório” e números que indicarão se estagiário 01 ou 02 e assim sucessivamente. Ou seja, nesse sentido, a preocupação maior é com a não identificação dos autores dos relatórios. Os autores dos relatórios foram informados da realização da pesquisa e, no momento em que foram convidados a participar, receberam o Termo de Livre Consentimento Esclarecido para assinatura (TLCE). Além disso, foram informados de que poderiam desistir da participação na pesquisa – e não autorizar o uso do relatório – a qualquer momento.

No que diz respeito à análise, como se trata de uma pesquisa ancorada na concepção discursiva da linguagem, não serão priorizadas, embora consideradas, nas análises, características “textuais” ou “formais” que perfaçam um “bom relatório de estágio” por si só, mas discutiremos traços que apontem para uma relação produtiva do sujeito com as instâncias às quais ele se dirige em seu texto e com aquilo que é tomado como objeto de seu discurso: as práticas de ensino na escola básica. Nesse sentido, será também analisado como um enunciado se constitui enquanto portador de um conhecimento do sujeito que o produziu.

Ou seja, a escrita analisada será concebida como um percurso de inscrição em um discurso disciplinar, de tal maneira que o futuro professor: a) passe a tratar suas ações e os temas próprios de sua profissão de forma “não corriqueira”, submetendo sua experiência às condições de interpretação dadas por uma ou outra disciplina e afastando-se do senso comum; b) seus enunciados, inscrevendo-se em um campo disciplinar, ganhem a possibilidade de entrar em um “estoque” de saber, em uma rede na qual passam a significar-se (corroborar, opor, exemplificar etc.) em relação a outros enunciados.

#### **4. Análise dos dados**



Para a efetivação da análise das produções textuais discursivas, foram utilizados quatro critérios que serão apresentados em subtópicos. Inicialmente, considera-se que os dados textuais enunciativos dos relatórios de estágios, que compõem o *corpus* desta pesquisa, são relevantes para compreendermos se os dados fornecidos são processos cotidianos de trabalho do estagiário sobre os conhecimentos teóricos adquiridos durante o processo de formação. Sendo assim, na seção 4.1, são analisados os aspectos da descrição da prática de ensino e aprendizagem; em 4.2, são analisadas as operações discursivas realizadas sobre os dados registrados nas práticas de observação e regências descritos e analisados nos relatórios, ou seja, se os estagiários mobilizam e problematizam os dados observados e como efetivam esses dados. Na sequência, em 4.3, apresenta-se o desenvolvimento da escrita partindo dos conceitos teóricos apresentados no embasamento do relatório e o uso das afirmações teóricas nas práticas de ensino registradas. Por fim, na seção 4.4, são analisadas as reflexões produzidas nos relatórios sobre as aprendizagens a partir das práticas de ensino realizadas pelos estagiários e pelos professores observados na escola básica.

#### **4.1 Aspectos das Descrições da Prática de Ensino e Aprendizagem**

Nos aspectos da descrição de prática de ensino e aprendizagem, conforme orientado no âmbito da disciplina estágio supervisionado, é proposto ao estagiário que mobilize seus conhecimentos aprendidos/apreendidos ao longo do curso para problematizar, compreender e construir ações didáticas no e para o campo de estágio. Ou seja, espera-se que, antes da realização do estágio, escolha um objeto de trabalho, como por exemplo, a escrita e reescrita, leitura ou literatura. No entanto, verifica-se que o objeto de trabalho descrito na introdução do relatório nem sempre é abordado efetivamente, como se observa no excerto do relatório do estagiário 01:

Este projeto vai apresentar propostas de atividades relacionadas a um tema específico, a Ditadura Militar no Brasil [...]. Entretanto os alunos não participam das discussões por timidez, essa será a intervenção, a atividade final será transpor as opiniões no papel por meio de um parágrafo introdutório para uma dissertação crítica. [R1, p. 1]

O estagiário propõe o tema “Ditadura Militar no Brasil nos anos de 1964 e 1985” para promover um debate e desenvolver o caráter crítico nos alunos com a justificativa de que isso não é explorado pelo professor; porém, não apresenta ao leitor uma explicação sobre a escolha do tema, também não diz muito sobre quais aspectos desse período/conteúdo será abordado em sala de aula. Como intervenção, propõe a escrita de um parágrafo introdutório que, conseqüentemente, resultará na produção de uma dissertação crítica e novamente não explica o que é esse crítico. Ao observar que a turma não é participativa devido à timidez, o estagiário aplica uma atividade de escrita crítica, de modo a suprir o debate. Diante da primeira problemática a ser enfrentada, a falta de participação da turma, não descreve como chegou a essa conclusão, o que se torna superficial a escrita apresentada no relatório.

No excerto abaixo, a questão da timidez é novamente abordada. Porém, caracteriza somente como um dado resultante da percepção do estagiário. Ao leitor nenhuma descrição é feita sobre as características e ações que o permitem chegar a essa conclusão.

Eles não escrevem, só fazem exercícios estruturalistas baseados na literatura, nem mesmo a gramática é trabalhada. São poucos alunos frequentes nesta turma porque são tímidos, as outras turmas que o professor acompanha são mais problemáticas. [R1, p. 4]

As afirmações genéricas são bastantes presentes nesse fragmento e, em contrapartida, não é apresentado nenhum tipo de análise crítica e reflexiva, o que dificulta a identificação de um posicionamento a respeito dos fatos observados. Além disso, o estagiário relata de modo genérico o número de alunos frequentes e a turma que, em sua concepção – “São poucos alunos frequentes nesta turma”, – “trata-se de uma turma menos problemática”. Tanto essa análise como a de que a turma é tímida não é calcada em dados precisos. Quando afirma que “as turmas são mais problemáticas”, não sabemos dos fatores condizentes para tal afirmação, ou seja, o leitor não consegue saber se essa afirmação é resultante da vivência trazida pelo estágio ou de uma adesão irrefletida sobre o comportamento de uma turma. Posteriormente, verifica-se outro aspecto de descrição da prática de ensino referente ao relatório 01:

A ideia de introdução de tais conceitos não foi tarefa fácil, mas houve extrema colaboração por parte dos alunos [...] Após a apresentação superficial dos conceitos de língua e linguagem [...] o texto não foi reescrito, pois os alunos não devolveram no prazo [...] para concluir a aula de regência foi um sucesso. [R 1, p. 5]

No trecho acima, há menção aos conceitos abordados durante o período de regência, porém, ao ler e analisar o relatório na íntegra, não há apresentação de como os conceitos utilizados foram ensinados, se fora mediante a leitura, a escrita dos significados ou debatidos. Ademais, o estagiário menciona de forma genérica sobre a apresentação dos conceitos, afirmando que “não foi tarefa fácil”, mas sem mostrar para o leitor o motivo da dificuldade. A “apresentação superficial”, também é relatada e, novamente, apresentada de forma genérica, não mostrando o “porquê” a apresentação dos conceitos fora artificial. Verifica-se também que faltam relatos precisos para que o leitor possa construir uma imagem própria sobre o momento de intervenção realizado. Além disso, o relato “o texto não foi reescrito” é contraditório, pois na quarta etapa da seção de atividade de intervenção, encontra-se o seguinte enunciado: “– as produções reescritas foram entregues junto a primeira versão”. O relatório torna-se contraditório, pois tendo como aporte um conceito superficial, seguido da não reescrita, não tem como afirmarmos que a regência fora um sucesso.

O estagiário 02, por sua vez, também trabalha com o processo de escrita e reescrita e justifica sua escolha: “o objeto de análise deste projeto para o relatório final foi a escrita, devido ao fato de a professora trabalhar as produções textuais, e ter pouco tempo para se dedicar a ela, principalmente pouco tempo para corrigi-las”. Posteriormente, afirma que “o principal objetivo deste estágio é colocar em prática as teorias que são vistas em sala de aula”, porém, em nenhum momento do relatório identifica tais teorias na prática, ou seja, na descrição da atividade de intervenção. Além disso, no trecho a seguir faz a descrição de uma prática de escrita de forma breve e dando a ideia de uma prática mecânica: “a atividade a ser desenvolvida será de produção textual [...] em um primeiro momento, explicaremos como se constrói uma produção textual, depois aplicaremos o tema, corrigiremos e assim os alunos vão reescrever”.

Nos relatórios, ao professor é atribuído um papel de capataz de fábrica, como aponta Geraldini (2003), cuja função é controlar o tempo de contato do aprendiz com o material previamente selecionado. Além disso, conforme menciona o autor, os livros didáticos tendem a fundamentar-se em dois tipos: livros textos para os alunos e livros-roteiros para os professores, ou seja, basta oferecer um livro que ensine aos alunos o que for preciso e, conseqüentemente, solucione o despreparo do professor. Porém, dessa forma, professor e aluno são automatizados e reduzidos a máquinas de repetição material.

Posteriormente, o estagiário 02 relata sobre as correções das produções textuais:

Vi muitos erros ortográficos, alguns absurdos, muita falta de sentido nas frases [...] após pesquisar mais temas, aplicamos outra produção textual [...] percebemos que os alunos não respeitam as margens e os parágrafos. Então todos esses erros são colocados de caneta vermelha [...] Mas a maioria dos erros continuam sendo a fuga do tema, erros ortográficos, alguns copiam trechos do texto-base. [R2, p. 6]

Há neste trecho uma preocupação com os erros ortográficos, ou seja, com tendência para focar a gramática normativa e, portanto, sem análise do conteúdo do texto em específico, tal como nortear o aluno com base no que foi escrito ou fazer considerações sobre aprofundar o desenvolvimento do tema ou problematizar determinados aspectos. Faz-se necessário direcioná-los, e não somente frisar os erros ortográficos, algo que é cada vez mais utilizado pelos professores e; de certo modo, estabelece distanciamento com a escrita; uma vez que, ao receber em mãos suas produções textuais, sentem-se incapazes de frente as mesmas observações: os erros ortográficos.

Por fim, diante dos impasses observados pelo estagiário 02, verifica-se também a satisfação das produções realizadas pelos alunos, tal como vimos no relatório 01 a seguinte afirmação: “o resultado foi positivo e conseguimos o que queríamos, que era que aquele aluno entendesse os passos de uma produção, desenvolvesse bem seus argumentos e apresentasse um resultado satisfatório”. O que é observado pelos estagiários, em relação às atuações dos professores, é apresentado de forma genérica e repetitiva; ou seja, as afirmações repetem um

espécie de já dito sedimentado, estratificando, gerando um círculo vicioso sobre a aula na escola. Isso permite a ideia de que a escola, o professor, a aula são vistos pelo já dito e não no que é como acontecimento singular...

Vejamos outro aspecto de descrição da prática de ensino referente ao relatório 03 que também possui como foco a escrita e reescrita:

Minha atividade de regência foi embasada em minha fundamentação teórica do projeto de estágio, cujo o propósito foi levar os alunos a escreverem de forma adequada com base nas habilidades que são exigidas nas avaliações do ENEM [...] Dessa maneira, as aulas escolhidas se tratavam de “Sinais de Pontuação” e “Estrutura de uma dissertação” [R 3, p. 8]

Nesse excerto, observa-se que o estagiário se refere à fundamentação teórica do projeto, porém, há somente uma citação teórica no seu relatório e não há dissertação sobre a teoria usada após citá-la.

Geraldi afirma, por meio de Franchi (1977, p. 222) que: “a língua enquanto sistema simbólico torna-se significativa por remeter a um sistema de referências, produzido nas relações interativas [...]. A gramática é um elemento fundamental e que não deve ser esquecida [...]. [R3, p. 7]

Além disso, o aporte teórico citado não se encontra nas referências do projeto e o estagiário utiliza referências que não foram citadas durante a realização do projeto. Posteriormente, faz referência sobre a escrita com base nas habilidades exigidas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), porém, ao lermos a descrição das aulas de regência no diário de campo, nota-se que tais habilidades não foram abordadas para que os alunos ficassem cientes sobre as habilidades exigidas. As habilidades foram usadas somente para auxiliar no momento da correção, ou seja, o estagiário adotou uma metodologia de correção ancorada nas exigências do ENEM sem que os alunos tivessem conhecimento das habilidades exigidas, como podemos verificar: “realizei o processo de correção das redações das turmas A e B através das competências estabelecidas pelo ENEM”.

Posteriormente, constata-se que o estagiário não fundamenta suas regências propriamente na explicação de sinais de pontuação e estrutura dissertativa, como mencionado no fragmento. Identifica-se, novamente, da perspectiva da ação docente no ato de ensinar, uma postura passiva ao passar duas produções textuais,

identificar erros ortográficos e estruturais, para depois fazer um breve relato. Sabe-se que trabalhar com textos desde a alfabetização é fundamental, porém, a escolha adequada e o modo de explorá-los são essenciais para que o êxito nas aulas seja facilmente visível.

#### ***4.2 Operações Discursivas Realizadas Sobre os Dados Registrados nas Práticas de Observação e Regências Descritas***

Em relação às operações discursivas sobre os dados registrados nas práticas de observação e regência, descritos e analisados nos relatórios, verificou-se que a maioria dos estagiários tende a relatar nas práticas de observação a relação entre professor - aluno, conversas paralelas e o uso do aparelho celular. No entanto, nota-se um aspecto recorrente nos relatórios, tal como a crítica ao uso contínuo do livro didático como único suporte do professor para ministrar as aulas: “o professor se apoia no livro didático para ministrar suas aulas”, “o professor segue o conteúdo presente no livro didático”, “no segundo horário o professor pediu que resolvessem alguns exercícios do livro”.

O uso do livro didático como único suporte de ensino é visto de modo negativo pelos estagiários. Entretanto, não se encontra nos relatórios a fundamentação da crítica. Afirmar em tom crítico, ou mesmo recriminatório, que o professor se apoia no livro didático parece bastar. Nessa mesma direção, não são mencionadas o que seria, na visão do estagiário, a melhor forma de ministrar a aula tendo como base o contexto específico, o qual está observando. Sabe-se que, diante do cenário educacional e até mesmo em relação à contemporaneidade, o professor tende a usar recursos práticos de ensino devido à falta de tempo para o planejamento de aulas e o número de turmas. Sendo assim, em meio ao caos cotidiano, o professor opta pela praticidade, ou seja, adere o livro didático como único suporte e, com isso, torna as aulas monótonas e promove a falta de interesse por parte dos alunos, pois ora, imaginemos o quão tedioso é ir para aula cuja metodologia é mecanizada; ou seja, sentar, abrir o livro em determinada página, copiar a correção na lousa e levar para obter o visto.

Nos relatórios analisados encontramos também afirmações de que não fora registrado o uso contínuo esperado que os professores fazem do livro didático: “a minha primeira impressão, de que a professora ficava presa ao livro didático, não se confirmou”, “o interessante é que ela não se apega ao livro didático, mas o utiliza apenas como guia de acordo com seu plano de ensino”, “no primeiro horário apenas observei, de forma que pude confirmar que a professora utiliza pouco o livro didático, ela prefere preparar o próprio material”. Diante desses enunciados, observa-se que a figura do professor é de certa forma estereotipada como sendo a do profissional ancorado no livro didático e, quando o estagiário se depara com o professor que não faz uso do mesmo, surpreende-se. Porém, falta nesses enunciados uma análise, com base nas teorias linguísticas, sobre os aspectos positivos desse não uso. As afirmações se restringem ao campo da constatação.

Outro aspecto relevante sobre as práticas de observação do estagiário é a manifestação crítica sobre o fazer do professor observado, exemplificada nos excertos abaixo:

O professor trabalhou os conceitos de “conotação” e “denotação” e de “linguagem conotativa” e “linguagem denotativa” [...] o professor então explicou utilizando exemplos simples que foram escritos no quadro [...] no meu ponto de vista não levaram os alunos a realmente refletirem sobre o uso e muito menos a se apropriarem daqueles recursos para posteriormente poderem utilizá-los em seus próprios textos. [R12, p.4]

Nas últimas aulas observadas o professor fez uma revisão para a prova [...]. O professor pediu que formulasse 5 questões para a prova que foi, com exceção de duas questões, toda de múltipla escolha. Este tipo de avaliação não permitiu que os alunos demonstrassem efetivamente os conhecimentos adquiridos e o domínio sobre eles para elaboração de um texto, por exemplo. [R14, p.6]

Embora não tenham mobilizado teorias para embasar a crítica sobre a prática do professor, observa-se que há uma discordância diante do que estava sendo analisado, algo pouco manifestado pelos estagiários no decorrer da análise. Nota-se no excerto R12, a forma no qual o professor explica os conteúdos, de modo simples, superficial, não mobilizando teorias em suas práticas para melhor expor os conceitos. No excerto R14, o estagiário discorda do tipo de avaliação aplicado pelo professor, alegando que não são condizentes. As críticas são registradas, porém a

teoria não comparece como recurso necessário para explicar onde está o problema com relação à prática do professor. Fica para o leitor a impressão de que afirmou uma verdade que não carece fundamentação e explicitação, mesmo tendo sido solicitada pela coordenação do estágio.

Esses dados apontam para a necessidade de que os estagiários sejam levados a pensar, ao fazerem a crítica, em didáticas que melhor se adequam a determinado tipo de sala de aula. Ou seja, no movimento de apresentar a crítica é preciso estar pressuposta a necessidade de apresentar soluções mínimas, uma vez que o estagiário está inserido em contexto que a relação teoria e prática precisa ser constante. Dizer que não concorda com o professor observado não pode ser tomada como ato suficiente para o futuro professor, pois no movimento da crítica faz-se necessário estar pressuposta a busca de respostas para o problema encontrado.

#### ***4.3 Desenvolvimento da Escrita a Partir dos Conceitos Teóricos Usados no Embasamento do Relatório e o Uso das Afirmações Teóricas na Prática de Ensino***

Em relação ao desenvolvimento da escrita, tendo como base os conceitos teóricos usados no embasamento do relatório, observa-se que os estagiários, de modo geral, possuem dificuldade para dissertar sobre os conceitos mencionados em seus relatórios, ou seja, não conseguem escrever tomando a teoria como base; tendem a construir um manancial de recolhas de citações teóricas, como podemos observar mediante a fundamentação teórica do relatório do estagiário 07:

Tínhamos a todo o momento a ajuda da professora da escola que dava bastante dicas e nos ajudava a como corrigir melhor as produções.

De acordo com Mendonça e Bunzen (2006, p. 202): “o ensino de língua portuguesa no EM apresenta características específicas que se relacionam à organização dessa etapa de escolarização [...]”

Segundo o texto “No espaço do trabalho discursivo, alternativas”, de João Wanderley Geraldi (1997, p. 135) [...], temos a seguinte citação: “considero a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida. [R7, p. 2]



A escrita do trecho acima não parte da teoria como base e é estruturada em parágrafos com muitas citações, como se, diante do embate da escrita, recorresse à voz do outro para compor o próprio texto. Esse pode ser o modo mais fácil que o estagiário encontra para resolver o problema da escrita. Porém, torna-se preocupante quando consideramos que a escrita é constitutiva do sujeito e do conhecimento. No trabalho que faz com e sobre a linguagem é que constituem a possibilidades de o futuro professor construir para si um saber próprio sobre o ensino da língua portuguesa. Vejamos outro exemplo no relatório do estagiário 08:

Geraldi afirma, por meio de Franchi (1977, p. 22) que: “a língua enquanto sistema simbólico torna-se significativa por remeter a um sistema de referências, produzido nas relações interativas [...] A gramática é um elemento fundamental e que não deve ser esquecida, porém a forma de trabalhar com ela é que precisa ser mudada. [R8, p. 3]

Não há dissertação sobre a citação utilizada em seu aporte teórico e, em seguida, inicia o parágrafo para abordar sobre o modo como a gramática deve ser trabalhada. O estagiário, ou melhor dizendo, o futuro professor de língua portuguesa e, conseqüentemente, mediador da escrita, faz uso das citações como fonte para preencher o espaço frente a dificuldade para escrever sobre a aula. Tal ocorrência mostra a dificuldade da escrita materializada nos relatórios, dificuldade em apropriar-se da teoria e dissertar sobre como os conceitos auxiliarão no processo de estágio, qual a finalidade, em qual aspecto a teoria irá auxiliá-lo na prática.

Segundo Possenti (1984, p.33), “falar em não ensinar o padrão equivale a tirar o português das escolas”. Dessa forma, a escola abole qualquer variante linguística de nossa língua, execrando toda diferença no modo de falar dos alunos que estão inseridos naquele meio. Em outras palavras, dizendo que a maneira com que ele fala é “errada”, que o garoto ou garota não sabe falar português, ignorando todo processo de aquisição da linguagem e causando desconforto na sala [...] [R10, p. 4]

[...] Com essa citação de Geraldi, pode-se entender o quão importante é, para que um aluno aprenda a língua, que haja uma relação interlocucional. Não basta que um professor mande o aluno ficar calado, decorando regras previstas pela gramática tradicional. O texto, portanto, se faz importante, pois estabelece contextos, possibilita discussões, debates, estimula os alunos a entenderem o funcionamento da língua. [R9, p. 3]

As citações, nos fragmentos acima, se tornam ponto de partida para dissertar sobre a variante linguística, sobre o modo como é abordado no âmbito escolar, além da importância do texto. A discussão que o estagiário traz, a partir das citações, é a de que, na maioria das vezes, estudar a língua na escola resume-se em estudar a gramática e suas estruturas, porém, verifica-se que, no trabalho com a voz do autor, os estagiários constroem sua visão em relação ao ensino da língua, uma vez que manifestam suas opiniões frente a prática de ensino observada: “a escola abole qualquer variante linguística de nossa língua, execrando toda diferença no modo de falar dos alunos que estão inseridos naquele meio” ; “não basta que um professor mande o aluno ficar calado, decorando regras previstas pela gramática tradicional”. A partir das citações, verifica-se também a concepção que o estagiário assume em relação ao conhecimento prático dos princípios da linguagem e a gramática interiorizada que cada aluno possui: “que o garoto ou garota não sabe falar português, ignorando todo processo de aquisição da linguagem e causando desconforto na sala”; observa-se que os estagiários viabilizam a língua como sendo dinâmica e, portanto, mediante ao tempo, sofre influências do contexto sócio-histórico-cultural. Ademais, nota-se que a língua é entendida sob duas perspectivas: um instrumento comunicativo ou um sistema cujos mecanismos estruturais visa identificar e descrever.

#### ***4.4 Reflexões Produzidas Sobre as Aprendizagens das Práticas de Ensino***

Em relação às reflexões produzidas nos relatórios sobre as aprendizagens a partir das práticas de ensino realizadas durante os estágios e pelos professores observados na escola básica, há similaridade nas conclusões dos relatórios, uma vez que se encontra unanimidade sobre as aprendizagens das práticas de ensino realizadas pelos estágios; no modo como ressaltam a experiência adquirida, a responsabilidade de ser professor, a revisão de pensamentos errôneos sobre a profissão e até mesmo o uso do estágio como aspecto fulcral para afirmação ou desistência da escolha do curso e, conseqüentemente, da profissão, como podemos observar:

A grande turbulência que o semestre estágio percorreu me fez refletir na responsabilidade de ser professor e rever pensamentos e atitudes

imaturas que tinha sobre a profissão [...] tendo agora terminado o estágio em Língua Portuguesa, vejo a necessidade dessa experiência. [R9, p. 10]

A gente ganha experiência quando estamos dando aula e aprendemos ali como melhorar, o que fazer para chamar a atenção dos alunos, a parte de elaboração também foi importante ao se preparar um plano de aula, é um trabalho que leva tempo e pesquisa. [R8, p. 12]

A experiência de estar dentro da sala de aula enquanto professor em formação me permitiu ampliar meu conhecimento, compreender um pouco mais sobre a atividade docente e despertar mais interesse pelo ensino da língua portuguesa. [R10, p 12]

Esses fragmentos demonstram a relevância que a disciplina Estágio Supervisionado tem no processo de formação do discente, uma vez que muitos se afirmam enquanto futuros professores somente no período de estágio e isso se deve a prática, ao momento de expor o conhecimento na prática, de transformar a realidade, ou seja, na escolha da melhor metodologia que deverá ser utilizada; na transformação da prática que deverá avançar em relação a determinado nível teórico. Nota-se, mediante ao excerto do relatório 09, que o mesmo explicita o pensamento e atitudes imaturas que tinha sobre a profissão e, no período de estágio, abjura-se, tal como o estagiário R10, pois menciona sobre o despertar em relação ao ensino da língua portuguesa, em que o mesmo pode ter ingressado na graduação visando apenas o ensino da língua estrangeira.

Por fim, em relação ao papel falho do professor observado como incentivador e mediador do conhecimento, têm-se alguns excertos, sendo:

Considero que os momentos de intervenção foram produtivos, mas que devido a concepção pouco clara que o professor tem sobre a língua e a importância da escrita, os conhecimentos que os alunos puderam adquirir se perderão com o tempo. [R7, p. 9]

Um professor de língua portuguesa precisa ter claro em sua mente a importância do que está ensinando para seus alunos e deve manter o compromisso de não só ensinar, mas mediar o processo de aprendizagem e isso não foi o que puder perceber. [R11, p. 12]

O professor precisa considerar que todo aluno é capaz e procurar desenvolver nos alunos uma postura ativa e sempre despertando neles o gosto pelo aprendizado da língua. Somente dessa forma a

escola passara a ser de fato um espaço de construção e não de desconstrução do conhecimento. [R8, p. 10]

De acordo com esses excertos, verifica-se que os estagiários, mesmo quando buscam não apresentar seu posicionamento crítico ao longo do relatório, optam por usá-lo no momento da conclusão. Sabe-se que a própria seção permite tal criticidade, porém, nas seções de observações diárias e regência também permitem essa análise. O estagiário tende a não expor a conduta do professor, a didática e o âmbito escolar como um todo. Sendo assim, dificulta-se a visualização do âmbito escolar no qual estão inseridos, de modo a prevalecer apenas a concepção que o professor tem sobre a língua e o falho trabalho em relação à escrita. Os dados apresentados, de fato, são relatos encapsulados na sua perspectiva. A voz do outro professor é encapsulada na sua que apresenta a crítica sem dar ao leitor condições para construir uma leitura própria do que foi visto pelo estagiário.

Observa-se que os discursos são semelhantes, porém mais reflexivos, como se verifica nos excertos abaixo:

Encontrar uma sala cheia de alunos e ver neles o anseio pelo aprendizado é algo que nem sempre se vê, de forma que alguns dos próprios diz odiar a escola. No caso da Língua Portuguesa, as perspectivas de ensino pautadas na gramática estão longe de ajudá-los a mudar essa visão. [R12, p. 10]

A regência e a observação me propiciaram maior visão crítica sobre a importância do ensino de escrita, enquanto um processo, e gerou em mim algumas reflexões sobre quais aspectos devem ser levados em consideração [...] reafirmando algumas crenças e confirmando algumas teorias. [R14, p. 11]

As reflexões são similarmente fundamentadas no aspecto fulcral da decisão da profissão: “momento em que o discente de uma licenciatura descobre se quer ou não seguir aquela carreira” ; “adentrar em um mundo para o qual estamos sendo formados e preparados para atuar” ; além disso, encontra-se similaridade em relação às práticas observadas, tal como a reflexão do estagiário frente à observação do ensino ancorado na gramática normativa, a importância da escrita quanto formação do sujeito e a confirmação de teorias não intituladas pelo estagiário. Em contrapartida, nota-se que as reflexões dos excertos se distinguem dos expostos anteriormente, uma vez que se voltam para o que foi observado no

âmbito escolar e não são reflexões somente do papel falho do professor como incentivador e mediador do saber. Porém, independente das similaridades e diferenças observadas, verifica-se que o estágio supervisionado é considerado um instrumento fundamental no processo de formação do professor, pois auxilia o estagiário a compreender e enfrentar o mundo do trabalho e contribuir para a formação de sua consciência política e social, unindo teoria e prática; e a associação da teoria e prática não mais visada como algo dicotômico torna-se possível no âmbito acadêmico mediante ao estágio supervisionado.

## **5. Considerações finais**

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou uma análise sobre a dificuldade que o estagiário da área de Letras apresenta para mobilizar o conhecimento teórico adquirido ao longo do curso e transformá-los em recursos de embasamento de suas reflexões no decorrer da formação inicial. O pressuposto assumido ao longo deste estudo foi o de que o estágio curricular obrigatório, além de ajudar no desenvolvimento do futuro professor, funciona como uma espécie de ponte que aproxima a universidade da escola, permitindo a inserção do discente no âmbito escolar como um todo; de modo a fazer com que tenha a possibilidade de expor na prática a teoria adquirida no contexto acadêmico. Ou seja, é o de aliar conhecimentos aprendidos na universidade à prática que se busca construir no ensino de língua portuguesa na educação básica.

Porém, conforme apontamos já na introdução do artigo, a associação entre a teoria e a prática é vista como algo difícil de ser alcançado no momento da docência. Comumente, ao adentrar a escola, o professor recém formado sente-se desamparado, uma vez que a teoria estudada parece divergir do cenário escolar, o que gera dificuldade das mobilizações. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que essa dificuldade para estabelecer relação tem raízes na formação inicial. Buscamos nos relatórios os indícios da existência dessa dificuldade. Principalmente, na escrita, no modo de analisar as atividades de ensino desenvolvidas durante o estágio supervisionado.

Após as análises, podemos concluir que as produções escritas dos relatórios de estágio supervisionado, como produto final pertinente de processos formativos, são frágeis como lócus de produções de conhecimentos sobre a escola, sobre a docência, sobre o ensino da língua portuguesa. Mediante a não percepção da relevância indissociável entre teoria e prática, o estagiário tende a produzir relatórios artificiais, com discursos genéricos, vagos, sem mobilização teórica e criticidade frente às práticas observadas e regidas, além de mobilizar a teoria em suas produções acadêmicas como forma de manter a formalidade e não como embasamento de suas reflexões para com a prática ensinoaprendizagem.

Apesar das adversidades no período da disciplina, ressalta-se que o estágio supervisionado é de suma importância para a formação do futuro professor. É no âmbito do estágio que o futuro professor entra em contato com a prática e precisa descobrir qual o papel da teoria na observação, compreensão e construção da prática de ensino e aprendizagem. Ou seja, é o momento de colocar em prática tudo o que foi debatido durante o processo de formação, levando seus conhecimentos, sua autonomia e autoconfiança à sala de aula. O estágio é apenas o ponto de partida para que vejamos a realidade da educação em nosso país, para que vejamos que há muita coisa que precisa ser feita, mas que a busca pelo melhor deve ser uma constante ação de produção de novos conhecimentos. Essa produção exige relação entre teoria e prática.

Os aspectos apontados a partir da escrita dos relatórios são relevantes porque, caso essa dificuldade da não mobilização teórica perpetue, ou se não for manejada pelos professores acadêmicos para que evidenciem aos seus estagiários sobre sua importância para a futura prática efetiva, refletirá no ofício do futuro professor da educação básica. Nesse sentido, é necessário, na universidade, trabalhar para que o futuro professor, já no momento do estágio, compreenda que o papel da teoria é possibilitar diferentes leituras da prática e que ambas não ocorrem de forma distanciada; o estágio é uma ação social e educacional, uma forma de intervir na realidade, não bastando somente observar e/ou denunciar, é necessário enfrentar situações e buscar construir alternativas de ação.

## 6. Referências

BARZOTTO, V. H. **Leitura, escrita e relação com o conhecimento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016

BARZOTTO, V. H. Leitura e produção de textos: limites e relações intersubjetivas. In: CALIL, E. **Trilhas da Escrita: autoria, leitura e ensino**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

BIANCHI, A. C. M. **Manual de orientação: estágio supervisionado**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERALDI, J. W. Linguagem e Trabalho Linguístico. In: **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KULCSAR, R. O Estágio Supervisionado como atividade integradora. In: PICONEZ, Stela C. Bertholo. (Org.). **A Prática de ensino e o Estágio Supervisionado**. 10. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2004, p. 63-74

PIMENTA, S. G. O. **Estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática?** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2004.  
VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Trad.: Luiz Fernando Cardoso. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Artigo recebido em 12/03/2018

Artigo aceito em 01/06/2018